



HAL
open science

Ambiências de Risco : pesquisa de campo sobre a experiência difusa dos riscos de contaminação em Barão de Mauà

Jean-Paul Thibaud, Cintia Okamura, Jacques Lolive, Nicolas Tixier, Patrick Romieu

► **To cite this version:**

Jean-Paul Thibaud, Cintia Okamura, Jacques Lolive, Nicolas Tixier, Patrick Romieu. *Ambiências de Risco : pesquisa de campo sobre a experiência difusa dos riscos de contaminação em Barão de Mauà*. [Research Report] 89, CRESSON, CNRS : Centre national de la recherche scientifique, PEPS : Projets exploratoires premier soutien. 2015, pp.50. hal-01373741

HAL Id: hal-01373741

<https://hal.science/hal-01373741>

Submitted on 4 Oct 2016

HAL is a multi-disciplinary open access archive for the deposit and dissemination of scientific research documents, whether they are published or not. The documents may come from teaching and research institutions in France or abroad, or from public or private research centers.

L'archive ouverte pluridisciplinaire **HAL**, est destinée au dépôt et à la diffusion de documents scientifiques de niveau recherche, publiés ou non, émanant des établissements d'enseignement et de recherche français ou étrangers, des laboratoires publics ou privés.

Ambiências de Risco

Pesquisa de campo sobre a experiência difusa dos riscos de contaminação em Barão de Mauá

Coordenação Científica: Jean-Paul Thibaud
com Cintia Okamura e Jacques Lolive



PEPS Interdisciplinaire CNRS 2015
FaiDoRÁ - Faibles Doses, Risques, Alertes

FAPESP - Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado de São Paulo

Nossos sinceros agradecimentos aos moradores do Condomínio Barão de Mauá pelo acolhimento caloroso, pela hospitalidade e disponibilidade com que receberam esta equipe de pesquisa.

- **Equipe CRESSON**

**Centre de Recherche sur l'Espace Sonore et l'Environnement Urbain
UMR 1563 Ambiances Architectures Urbanités**

Sylvain DUBERT

Estudante de Master Espace Public, Université Jean Monnet de Saint-Etienne

Patrick ROMIEU

Antropólogo, pesquisador associado CRESSON

Jean-Paul THIBAUD

Sociólogo, Diretor de pesquisa CNRS

Nicolas TIXIER

Arquiteto, Professor à l'Ecole Nationale Supérieure d'Architecture de Grenoble

- **Equipe CETESB**

Companhia Ambiental do Estado de São Paulo

Silvia Regina BURZACA

Socióloga, CETESB

Anali Espindola de CAMPOS

Bióloga, CETESB

Carolina Poletti Maestri FERREIRA

Estudante de arquitetura, bolsista da FAPESP na CETESB

Cintia OKAMURA

Socióloga e psicóloga ambiental, coordenadora de pesquisa CETESB

Norma Lucia PORTO

Jornalista, CETESB

Thiago RIGUI

Sociólogo, CETESB

Alvaro Florentino da SILVA Jr

Físico, bolsista FAPESP na CETESB

Maria de Lourdes Pinheiros SIMÕES

Socióloga, CETESB

- **Equipe Territoire**

UMR 5194 PACTE Politiques publiques, Action politique, Territoires

Jacques LOLIVE

Cientista Político e Planejador Ambiental, Diretor de pesquisa CNRS

desígnio gráfico : jul McOisans

Ambiências de risco

Este trabalho se inscreve no quadro de uma pesquisa realizada pelo CNRS/França.

Trata-se de uma colaboração entre equipes

- a equipe de pesquisa do CRESSON (laboratório situado na Ecole Nationale Supérieure d'Architecture de Grenoble, UMR 1563 AAU)
- a equipe de pesquisa da CETESB (Companhia Ambiental do Estado de São Paulo)
- a equipe de pesquisa do PACTE-Territoire (laboratório situado na Cité des Territoires de Grenoble, UMR 5194 PACTE)

Esta colaboração se apoia em diversas disciplinas como a sociologia, as ciências políticas, a psicologia ambiental, a antropologia, o urbanismo e a arquitetura.

Esta pesquisa tem como objetivo melhor compreender a maneira como os territórios de risco são habitados e vividos pelos moradores, com foco, em especial, nas ambiências de risco do ponto de vista da experiência sensível do habitante e da vulnerabilidade cotidiana dos ambientes de vida.

Investigamos as situações de risco à partir de «baixas doses» de exposição. Barão de Mauá corresponde a uma tal situação, uma vez que estamos lidando com mais de 20 anos de riscos difusos de contaminação do solo e das águas subterrâneas por um conjunto de substâncias tóxicas.

Este documento procura restituir o trabalho investigativo feito por um grupo de pesquisadores franceses e brasileiros em Barão de Mauá, de 01 a 05 de junho de 2015.

O que são as ambiências de risco de contaminação em Barão de Mauá?

Cinco dias em Barão de Mauá

Nesses cinco dias o grupo se propôs a se familiarizar com os modos de habitar dos moradores de Barão de Mauá se aproximar do ambiente cotidiano e das ambiências do condomínio compreender como os riscos de contaminação afetam os moradores

Para explorar a experiência habitante e gradualmente absorver a ambiência do condomínio foram múltiplas abordagens:



visitando o condomínio muito livremente, sozinho ou com outros

quais foram, então, nossas primeiras impressões de Barão de Mauá ?



encontrando os moradores e caminhando com eles na vizinhança

o que nos contam os moradores sobre a sua vida no condomínio ?



encontrando-nos regularmente, a fim de compartilhar nossas descobertas

como o conhecimento das ambiências do condomínio se constrói pouco a pouco?

Como se aproximar das maneiras de viver e experimentar as ambiências?



gravando imagens e sons do condomínio

como documentar o ambiente
sensível de Barão de Mauá?



organizando um dia para compartilhar
com os moradores

como os moradores
experimentam juntos os riscos de
contaminação?

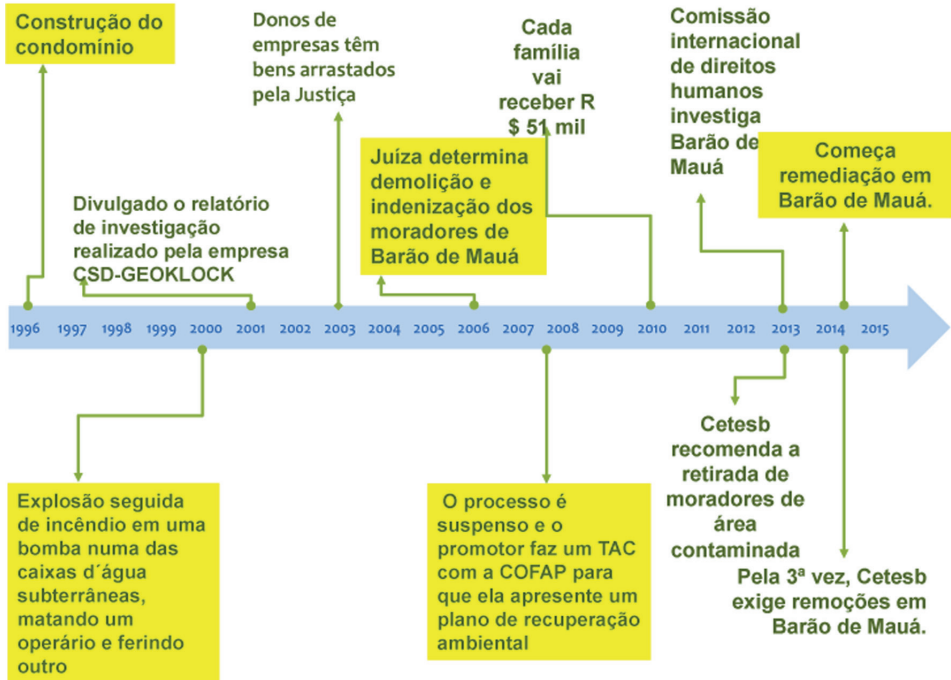


propondo escutas coletivas em Barão de
Mauá

O que os sons do condomínio nos
contam e nos ensinam?

Preste atenção e atribua importância às palavras dos moradores

Linha do Tempo das Controvérsias



Vinte anos em Barão de Mauá, uma rica e dolorosa história

Alguns destaques da história e a sua significação para a população

Em 1995, a COFAP vende seu terreno à Cooperativa Habitacional para a construção de um Condomínio.

Segundo uma moradora:

“Todo mundo sabia que havia resíduos... o hospital, a COFAP, as outras empresas, todo mundo depositava lixo aqui..”.

Este evento provocará mais tarde uma indignação, um sentimento de desrespeito

A explosão ocorrida em 22 de abril de 2000 no condomínio, vitimando fatalmente um operário, *é um evento “fundador”*. Este acontecimento dramático provocou tumulto entre moradores. Foi *um trauma real*, particularmente para aqueles que assistiram a cena. Outros agora vivem com medo de uma possível explosão.

Agosto de 2001: A Secretaria de Meio Ambiente do Estado de São Paulo chamou a imprensa e também os 9 síndicos do Condomínio a fim de comunicar os resultados do primeiro estudo sobre as causas da explosão. Segundo os moradores *“Fomos informados após os jornalistas enquanto nós somos os principais concernidos”*. Os moradores são informados pela imprensa de uma forma sensacionalista *“as 52 substâncias cancerígenas, Chernobyl no Brasil”*.

Em 26 setembro de 2006, a juíza do 3º tribunal civil de Mauá determinou a indenização dos moradores e demolição de 72 blocos do condomínio e dos 12 em fase construção.

Em setembro de 2007 o Promotor de Meio Ambiente de Mauá pediu suspensão do processo, deixou de executar a ação e fez um TAC - Termo de Ajustamento de Conduta com a Cofap para que ela apresentasse um plano de recuperação ambiental. Segundo contam alguns moradores: *“Mas as pessoas se sentiram traídas pelo promotor, porque queriam que fosse executada a sentença, imediatamente”*.

Finalmente, a gestão de risco em Barão de Mauá foi um processo de *aprendizagem coletiva e não dirigida* porque ninguém realmente sabia como fazer, ninguém tinha uma estratégia para esta situação sem precedentes.

Mas o processo está *muito longo*, segundo os moradores expostos ao risco há 20 anos, e todo mundo ficou consciente do risco há 15 anos, ou seja, desde a explosão de 2000.

A situação no Condomínio Barão de Mauá é caracterizada pela falta de consenso e pelas visões setoriais das partes envolvidas. Cada um propõe sua solução, segundo sua visão do problema, sem dialogar suficientemente com os outros. Alguns exemplos:

- * Para muitos moradores, a solução é a *indenização* para resolver o problema de desrespeito para com os moradores.
- * Para uma pessoa do Ministério Público, *uma decisão final do judiciário* é o final do conflito e uma solução para resolver o problema de revolta da população.
- * Para uma ONG, a solução é o *plano de recuperação ambiental* para resolver o problema de risco de explosão por conta do metano.
- * Para alguns da CETESB, a solução é *um plano de comunicação de riscos* para resolver o problema de ausência de comunicação dos riscos.
- * Para alguns da Secretaria de Saúde, a solução é a *utilização da metodologia epidemiológica* da ATSDR americana para resolver o problema de exposição ambiental ao benzeno.

Muitas perspectivas de uma situação não resolvida

Para aprender com esta experiência dolorosa, propomos uma gestão “participativa e de parceria” do risco no Condomínio Barão de Mauá, isto é:

- * Criar *um Dispositivo de Parceria Interinstitucional* para que todas as instituições concernidas troquem informações e combinem suas competências complementares para encontrar as melhores soluções

- * Criar *um Fórum Participativo* para envolver a população na busca de soluções

Como encontrar soluções que se adequam a todos?

Primeiras impressões

Quais foram, então, nossas primeiras impressões visitando Barão de Mauá?

uma nova experiência muito intensa

 choque imediato dos edifícios fantasmas

grande contraste

 entre os espaços muito bem cuidados
 e os espaços abandonados

 odores difusos difícil de qualificar e partilhar

 um silêncio enigmático que
vamos procurar compreender

 um condomínio bastante estático e um exterior em
movimento

 sensação de clausura para os francêses, mas
não para os brasileiros

O condomínio nos leva ao imaginário ...



... os pés dos edifícios são espaços verdes para a vista, as *plantas bem podadas*, algumas no vaso, animais de plástico, bancos brancos de ferro forjado decorativo... a ocupação do lugar é estática ... gramado bem aparado indicando um *mundo limpo*, ordenado e amigável ... um *bairro cuidado*, onde a vida é boa .

zona com grades em torno dos edifícios cuja construção foi interrompida... *vegetação selvagem*... seguimos as rotas que levam a lugar nenhum ...*um beco sem saída* e retornamos ... não podemos ir de um ponto a outro do condomínio



Entre cuidado atento e abandono forçado

...a ambiência se abre igualmente às exigências da vida cotidiana... um território de risco não pode ser considerado unicamente na perspectiva do risco... há *moradores enraizados no seu bairro*, há pessoas que lá vivem e é um ambiente de vida ... então, quem diz ambiente de vida diz *cuidar do lugar onde vivemos* ...



Um desejo de habitar o condomínio apesar do risco

... como *ímóveis fantasmas* sem portas e janelas, com *buracos negros inquietantes* aberturas sem fundo... essas construções se impõem ao nosso olhar e parecem olhar para nós... esta torre abandonada que eu chamei... de maneira um pouco forte... de torre *Hiroshíma*...eu achei que era verdadeiramente um *espaço catastrófico*...



Surpresa e choque ... um outro mundo é revelado



... temos o condomínio acima que é um pouco como um *castelo-forte* ... edificado sobre um monte, ele aparece como uma fortaleza, colocada a distância por uma vasta zona de vegetação intransitável ... os edifícios fecham o horizonte ... *tela isolada em suas extremidades* ... *como uma quarentena*...



...territórios *muito industriais* onde prevalecem hangares e galpões, esfumados e cinzentos, chaminés, vias expressas e linhas de energia ... então, uma bateria de grandes chaminés, *é impressionante*, é a petroquímica ... *a paisagem industrial distante* no fundo é realmente de ficção científica ... *um imaginário de ficção científica* ...



Um ambiente industrial impressionante

...temos que falar também de uma *dimensão paisagística*... não, seguido um pouco o caminho do oleoduto e é um caminho muito bonito ... ele corta a cidade, ele oferece um *panorama magnífico*, em montanhas russas...ele desce entre as árvores, ele escala a montanha... oposto, um bairro urbano muito diferente do condomínio... do condomínio, a ambiência muito tranqüila, *escutamos a vida desse bairro*, cachorros, risadas, músicas, crianças...



Uma paisagem urbana em montanha-russas

A explosão de 22 de abril de 2000

A explosão de 22 de abril de 2000 foi um acontecimento muito marcante na história do condomínio.

Essa explosão foi um verdadeiro trauma para aqueles que assistiram à cena...

« Foi horrível. Depois disso, ninguém... Aí você escutava qualquer barulhinho de moto na avenida, você já achava que era bomba aqui dentro, que era uma rede de esgoto que estava explodindo. Nós ficamos acho que um ano, um ano e meio, para diferenciar barulho entre moto e explosão, entendeu? Porque a gente entrou em choque, aqui. Entendeu? A gente entrou em choque aqui. Porque foi uma coisa assim, muito chocante. »

As pessoas que viveram esse trágico acontecimento ainda se lembram ...

« Eu estava lá na cozinha, escutei um barulho muito forte, aí eu sai na sacada, vi uns negócios preto caíndo lá de cima. Eu achei que fosse algum balão que tivesse caído e estava pegando fogo. Aí quando eu olhei para baixo é que eu fui à conclusão ». « Eu fiquei com muito medo daquilo. Porque até então você não entende o que está acontecendo. Entendeu? Eu fiquei apavorada »

« Eu escutei a explosão, vi a movimentação toda da janela do meu apartamento, que ela é desse lado. Na hora a gente não entendeu nem o que estava acontecendo. Não deu para entender. Porque foi uma explosão... aliás, acontece explosões ali na petroquímica, a gente ainda até nem estranha muito. Aí aconteceu aqui, aí, de repente, a gente viu a correria. O pessoal gritando, todo mundo gritando: Explodiu, explodiu. Aí eu saí para fora, vim aqui, vi o rapaz caminhando, saiu da caixa d'água todo... Se queimou todo. Perdendo a roupa, já com a pele toda queimada. »

Um evento traumático que será marcante

Quando GEOCLOCK começa a fazer o trabalho de remediação, perfurando o solo, a mexer.. ela mexe ao mesmo tempo com a memória do moradores, cada furo no solo uma lembrança...

«Agora que começa a mexer, a nossa lembrança começa a aflorar... Agora começa a falar e a ver o pessoal aí dentro, começa a mexer com a memória da gente... Quando você vê as pessoas medindo, fazendo... quando eles entram aqui, aí vem tudo na memória, vem tudo na lembrança do susto que nós tivemos »

O lugar da explosão



A explosão como acontecimento fundador e traumático para os habitantes

Em toda parte vestígios de risco

Então.. fomos em busca dos vestígios de risco.

No seio do condomínio, há sinais visíveis?

Após uma breve investigação, vimos em toda parte ...

Alguns são muito explícitos ...



Painel de informação das obras em curso que mostra uma imagem idealizada do condomínio e do seu ambiente é grafitado. A localização do painel é em frente a uma grande área de terra que foi nivelada.

Em busca dos traços de risco

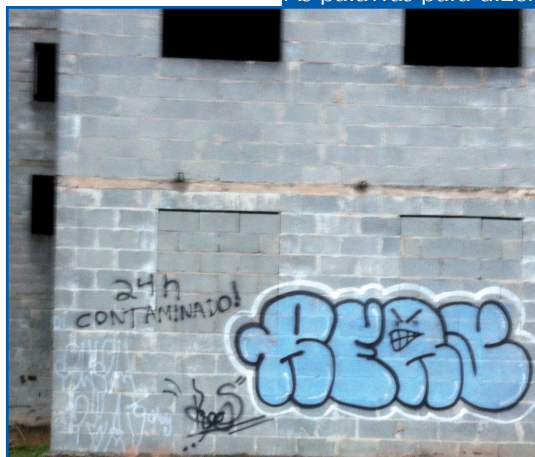
Sinalização explícita de um perigo potencial



Painel de informação grafitado que indica que o caminho do oleoduto é potencialmente perigoso, não escavar, não colocar fogo, etc. Este painel está localizado entre duas pinturas de parede que são anúncios de serviços ou lojas que estão localizadas em áreas próximas.

As palavras para dizer

Na fachada de um dos edifícios abandonados com janelas emparedadas para evitar as ocupações, a inscrição da palavra «contaminação». Uma das falas conta também da água parada nestas áreas abandonadas e edifícios causando proliferação de insetos e doenças, outra fonte de contaminação.



O condomínio como superfície de inscrição de risco

Outros traços mostram o dispositivo de remediação

Extração de metano



Na borda do condomínio na sua parte superior, uma pequena instalação monitora a extração de metano presente no solo. Parece que antes havia uma horta nessa área.

Presença imponente de risco no condomínio

O oleoduto como caminho



Os habitantes cortam pela rota do oleoduto para caminhar na avenida principal. A trilha é, literalmente, pelo caminho do oleoduto. Postes amarelos vem indicar, em todo o percurso, a profundidade dos tubos. A situação indica a presença de óleo para evitar qualquer obra que prejudicaria os dutos.

Dispositivo sonoro que imprime ritmo à ambiência por meio de choques da máquina que recolhe amostras no solo. O ruído do impacto reverbera ao redor. Existem várias instalações como esta no condomínio. No final, resta um pequeno buraco no cimento.

Recolhimento



O condomínio como um ambiente de intenso monitoramento

Outros traços levantam questões...

Paisagem em abandono



Um primeiro plano com vegetação exuberante, um segundo plano uma construção abandonada, um terceiro plano, um sinal da cidade contemporânea. O abandono está relacionado ao risco de contaminação?

O abandono está relacionado com o risco de contaminação?

Não pare aqui



Inscrição no solo para não colocar um veículo na área onde há uma « placa de cimento » no solo. Local de amostragem?

Longa rachadura no chão – traço de risco comentado por um morador. Tubos com metano?

Rachadura preocupante



O condomínio como um território que levanta questões

Um equipamento que aprendemos a decifrar ...

« Aqui é nosso playground, onde as crianças brincam. Na época, era mais para baixo, mas devido à contaminação, eles levantaram. Para as crianças não terem contato diretamente com a terra. Aqui é onde as crianças brincam. Que é o único espaço que a gente tem para eles. »

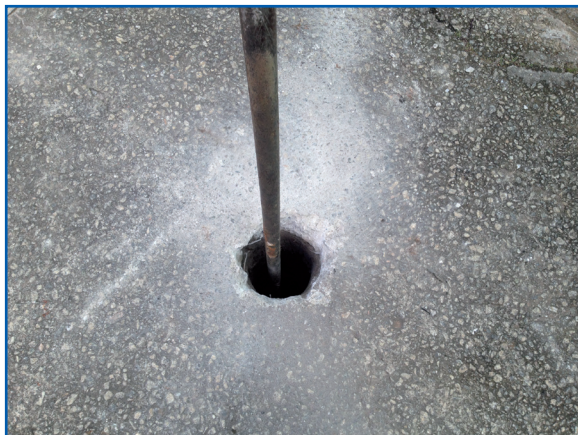




O solo como uma verdadeira superfície de leitura do território contaminado



Aprender a ler o solo e as superfícies do condomínio

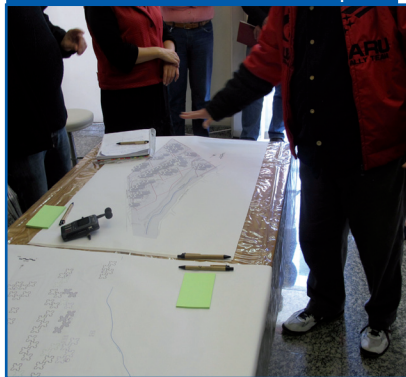


Um território de risco composto por vários traços materiais

Qual é a vivência de um tal território ?



Uma leitura coletiva dos mapas



Fotos vistas detalhadamente



Quando se trata de fazer uma pausa em sua vida cotidiana ...

Olhe então o que há para ver ...



E aqui...



E lá...



Quando se trata de comentar sobre sua experiência de todos os dias ...

Viver o risco cotidianamente

de maneira difusa,
a experiência de risco está de fato presente
na vida cotidiana

Uma atenção vigilante e inquieta

Muitos moradores mantêm na memória o acidente de abril de 2000 ... Quando eles ouvem um barulho repentino eles não podem deixar de pensar sobre a possibilidade de outra explosão ... estado de alerta... como se tivéssemos que manter vigilantes com a possibilidade de um acidente futuro ...

« Foi horrível. Depois disso, ninguém... Aí você escutava qualquer barulhinho de moto na avenida, você já achava que era bomba aqui dentro, que era uma rede de esgoto que estava explodindo. Nós ficamos acho que um ano, um ano e meio, para perceber barulho entre moto e explosão, entendeu? Porque a gente entrou em choque, aqui. Entendeu? A gente entrou em choque aqui. Porque foi uma coisa assim, muito chocante.»

Odores indefiníveis que inquietam e, por vezes, invadem o apartamento...

« Bom, eu sinto cheiro de gás de vez em quando. Sobe um cheiro de gás na minha cozinha. Mas assim, não é sempre, não. De vez em quando. E eu até corro para o meu fogão achando que larguei alguma coisa aberta. Mas é uma coisa assim que vêm, demora um pouquinho, depois passa. Eu não sei afirmar com certeza se vem do ambiente. Mas ainda que não fosse, a gente está traumatizado. Qualquer cheiro que você sentir...»

Ouvir e sentir... uma atenção para o risco potencial

Quando as crianças querem brincar

« Nossos filhos não podem correr. Nossos filhos não podem andar de bicicleta. Eles não podem andar de patins. Eles não podem fazer nada aqui dentro do condomínio, porque aqui é um perigo. Disso aqui vai explodir a linha. Ali tem um buraco ali, as crianças vão cutucar, e vai acontecer alguma coisa. »

Brincar descalço: uma conduta de risco?



Um pequeno campo de futebol de areia onde as crianças brincam descalças, sem se preocupar com o tipo de solo poluído. O futebol, uma das poucas atividades que acontece no condomínio de ambiência silenciada, exceto o barulho do impacto das obras para fazer as amostras.

Um terreno de jogos cercado e interdito, pertencente a uma série de edifícios cuja construção foi interrompida antes da conclusão.

Superposição de linhas no solo: quadra de basquete e/ou estacionamento? Sensação de um território abandonado (construção, pequena casa, terreno, vegetação, etc.)

Terreno de jogos interditados



Para as crianças, alguns lugares seriam dotados de um poder repulsivo...

Evitar os espaços

Extração de Metado



« Quando você entra aqui fora, no estacionamento, você percebe a troca de área, com o gás que desprende, você entendeu? Eu fico... Depois que eu fiz o transplante de medula, eu fico o tempo todo dentro de casa, porque eu não posso descer lá para baixo. Porque o médico disse para mim: você não pode... Onde tem esse gás cancerígeno, você não pode. »

Tomar o seu banho

« O risco, você assim, você percebe através da terra, que você liga o chuveiro, vai tomar banho. Você percebe aquele cheiro forte ».

Beber água : uma entrega dispendiosa



Jardinagem para as aves

« Eu tenho árvores aqui, frutíferas. Tem mexerica, manga, abacate, laranja, goiaba... têm bastante.

- Mas vocês comem?

- Não. Eu estava falando para ela. A gente deixa mais para os passarinhos ».

Um território de práticas marcado pelo risco

Sentimento de insegurança

« - Hoje nós temos drogados que invadem por trás, você tem que estar...

- Ah, os prédios desocupados?

- Não é nem pelos prédios. Logicamente que a gente fica de olho. Se nós não tivéssemos câmeras aqui, com certeza, já estariam habitados. Mas eles entram, eles ficam atrás fumando. As pessoas ficam com medo.

- É só para o consumo de drogas e depois vão embora?

- Vão embora. Mas assim, há um tempo atrás, eu já tive roubo de rádio dos carros, tivemos que chamar a polícia. Então a gente fica com medo constante logicamente, porque é uma área aberta.

- E até, apreço que teve alguma coisa assim de pessoas pedirem para eles isolarem esses prédios que estão com construção embargada, para evitar que animais fiquem lá, ninhos de pombos...

- Tudo. Tem. Ou então, acúmulo de água, perigo de dengue. Eu pedi também. O meu aqui foi até fechado. E não só esse perigo, mas como os nórias entram dentro para fumar. E crianças, porque elas são curiosas, crianças pequenas entram também, para saber como é.

- Espaço de exploração...

- Muito perigoso. E outra coisa, eles fecharam, mas não limparam os detritos das pombas, entendeu? Lá é assim, carregado até aqui, mais ou menos. Isso é um perigo danado. Fora que aqui tem urubu que ficam nas antenas. Aqui é tudo. Esse mato todo, você vê que nem a... a própria Geoclock pediu para cortar os matos para eles fazerem a remediação, e a prefeitura não acata. Ela demora. É uma vez a cada não sei quantos meses para vir cortar o mato, aonde tem cobra, escorpião. »

E mais uma vez a inquietante presença de edifícios fantasmas...

Se sentir em casa ?

Viver em sua casa

« *Eu falei que eu gosto muito do meu apartamento. Quando as pessoas falam: ah, você mora no... (Tchernobyl) Não. Eu moro no meu apartamento. Na minha casa. Entendeu? Agora se... Eu não moro no Chernobyl. Eu moro na minha casa. Na minha casa, não considero um lixo. Considero minha casa. »*

Constrangimento para convidar

« *E a pintura? Essa coisa feia, horrível. Não pode chamar um vizinho, um parente vem na casa da gente, olha dos lados... você procura chamar a atenção deles para eles não olharem. »*

Ir para a escola apesar de tudo...

« *Foram muito preconceituosas. Tinha gente que não pegava nem na mão da gente. Falar que você é contaminado. Crianças que iam no escolar, muitas peruas ficaram até com medo de levar as crianças no escolar. Então houve muita parte de preconceito. »*

Habitar: ...aqueles encima... e aqueles embaixo ...

Os elementos: ar...agua...terra...

« E outra coisa. A gente mora em um local poluído, por si só. O local aqui, Capuava, a região. A região aqui, ela é poluída. Por causa da Petroquímica, outras fábricas. Então a região aqui, ela é poluída. Essas fuligens que o pessoal fala que pega nos carros, são das fábricas. »

Um odor difuso que inquieta e interroga

Odor do ar, odor da terra, mais em alguns lugares do que em outros ...
Odor que parece variar dependendo do clima
mais perceptível quando chove
ou quando faz calor e a fumaça sobe do solo
Odor de metano ou benzeno? De onde vem o cheiro?
Odor que se mistura com aquele do pólo petroquímico

« Vocês vão sair com dor de cabeça daqui. Só por essa volta que vocês fizeram comigo. Vocês não percebem na hora. Mas na hora que vocês saírem daqui, vai vir o cheiro no nariz de vocês. Todo mundo que vem aqui, fala isso. »

Um odor indistinto e indefinido que permeia o território...

Uma água contaminada estagnada ou que circula

Os edifícios inacabados, fonte de riscos adicionais

« Agora, os prédios aqui, cheio d'água, pode ver que é um viveiro de dengue »

Um mau funcionamento da estação de tratamento de água?

E a poluição do córrego? De onde vem e para onde ele vai?
Solo contaminado ... lixo doméstico ... resíduos industriais ...

O Córrego



Uma água poluída que flui e permeia todo o território ...

Uma terra reveladora do estado do território

Uma vegetação exuberante



Uma vegetação inexistente



Uma vegetação bem cuidada



Um solo e um subsolo, objeto de todas atenções ...

Um silêncio enigmático

O que dizer do silêncio que encontramos no condomínio?

Pequena seleção de palavras dos pesquisadores ..

Muito pouca presença de moradores, uma vez que parece não haver nenhuma área comum, amigável, e que favoreça os intercâmbios e os encontros entre pessoas.

Entre a calma apaziguante e o silêncio desolador.

O espaço sonoro determinado pelas aves.

Muito menos ruído dentro do que fora do condomínio.

Gostaria de acrescentar apenas os aviões na paisagem que são muito presentes e que passam muito baixo.

Eu quase não ouvi nenhuma voz. Não há vozes de crianças.

Na borda do córrego há um outro bairro da cidade onde há pequenas casas, onde há muito mais barulho. É muito mais vivo, nós encontramos barulho, cães latindo, pessoas falando alto, música.

Ouvimos mais a cidade na distância. Isto significa que na verdade há realmente a sensação de que há um ritmo que é dado pela cidade na distância e que no local temos sons de acontecimentos pontuais mas não temos um ritmo do local.

Eu acho que há um efeito de bombeamento, um efeito de papel absorvente: o som é absorvido.

E onde eu estava havia um poderoso efeito de eco, o que dá um efeito de gaiola, que me trouxe de volta um sentimento sonoro de prisão.

O feriado de quinta-feira onde estávamos presentes soar de maneira substancialmente diferente, com mais ruído da vida e da animação humana.

O que um tal silêncio revela da situação do condomínio ?

O bairro em suspenso

Impressão de um lugar onde o tempo parou

- Construções paralisadas, sinistras torres cinzentas
- Silêncio que expressa a ausência de uma dinâmica local
- Natureza artificial muito arrumada em torno das casas

Mas também ...

- Impossibilidade de mudar a estrutura física
- Falta de lugares comuns para brincar e para festas

Sentimento insuportável de bloqueio e de impotência

«Outro fator também que é importante, é que nós não podemos nem fazer garagem aqui, cobrir as garagens, porque a gente não pode furar o chão.»

«E coisas absurdas também, porque a gente queria fazer garagem, muita gente queria fazer garagem, não podia fazer um furo, se não era processado. Só que eles vinham aqui, qualquer um que vinha aqui, fazia um furo, fazia o que ele queria. E nós que moramos aqui, não podemos fazer nada.»

«Eu gostaria de ver o meu prédio com os lá de cima, bonitinho, pintadinho, arrumadinho, entendeu? Mas eles não deixam a gente fazer nada. A gente quer trocar o piso... Você viu o piso do nosso prédio? A frente do nosso prédio, que horrível que está. Ah, não pode lavar. Não pode, que vai gastar água. E não pode trocar. Não pode só mexer na terra. Não pode fazer nada.»

«-La ter um lugar comum?

- Não. Não ia ter lugar nem para playground, nem para festa, nem para quadra, para nada. Nada. Eles não planejam isso. Aí, com tanta insistência nossa, dos síndicos, eles fizeram aquele playground.»

Uma situação de bloqueio absolutamente insuportável ...

Emoções muito fortes

Expressão de um sofrimento... de uma raiva... de uma impotência...

o sonho se tornou um pesadelo

«E a gente veio com esse sonho, a gente queria viver aqui, a gente queria ser feliz e a gente quer ainda. Porque continua. Eu acredito que ainda tenha muita beleza aqui. E tem um lugar tranquilo para a gente viver. Só que estão fazendo com que a gente se torne de vítima agora, de sonhador já fomos vítimas, agora estamos sendo réus. Agora nós estamos sendo... pior ainda. Aí quando a gente vê, olha, olha para lá, aquilo lá é um fantasma. Olha nessa foto, **é horrível ver isso. Horrível.** Então imagina a gente morando aqui o tempo todo, pensan... isso, lá atrás...»

o terror de viver aqui

«É uma situação amedrontadora, uma situação enganadora, que nada foi esclarecido a hora que a gente fez a compra. Eu por mim, eu vou demorar alguns dias para tirar esses monstros que parece que vai explodir a qualquer hora. E eu tenho uma família, eu tenho um sonho. Eu tenho um monte de... muita coisa para viver ainda e isso levantou **um sentimento simplesmente terrível. Terrível, terrível.** Eu gostaria de pegar todo o dinheiro que eu paguei, e além de tudo, reajustado, mesmo assim, talvez, eu não encontrasse alguma coisa. Mas eu gostaria de sair do local. Porque problema eu vou ter em todo lugar. Mas esse local, realmente... o meu emocional para hoje já bastou. Entende? Eu não aguento ficar por muito tempo mais ouvindo essas coisas.»

Como não ouvir tais gritos de aflição

uma injustiça inaceitável

«Aí quando aconteceu o caso, aí foi um descaso com a população. E eu, pelo menos na minha opinião,

a gente está aqui como lixo.

Porque a preocupação daqui... das autoridades, juízes... eu sou criminoso também, depois vai vir na sequência, eu estou me achando criminoso... Eu que contaminei o solo...»

um sentimento de abandono

«poder público, administração, não está preocupado com o povo.

Ele está preocupado com si mesmo. Porque até hoje, desde o acontecimento,

ninguém chegou na minha casa, bateu na minha porta, falou: como está a sua saúde?

E quando tem reuniões, vem saúde, vem um monte de repartições do órgão público falando: eu fiz isso, eu fiz isso... Não fez nada. Pode ter feito para algumas pessoas. E para colocar isso daí na cabeça do poder público só tem uma solução: dar cinco centavos para cada um, ir na farmácia comprar cinco centavos de vergonha na cara. Porque aqui, os moradores não são lixo. É um ser humano. E aqui, os caras tratam a gente como lixo. «

os distúrbios psicológicos

« Minha esposa ficou doente, ficou uns ***seis, sete anos em***

depressão, caiu no hospital, ficou mal, não podia andar. Por quê?

Porque tínhamos duas crianças pequenas, e a gente achava que elas podiam se contaminar. Porque todo mundo falava que era o Chernobyl aqui.

Como responder a tais situações de sofrimento e de angústia?

O grande grito da vida

«Quando eu fiz a proposta de saudar o Condomínio por meio de um Grande Grito - tipo de exercício lúdico que consiste em tomar consciência de sua própria voz aflorando as superfícies e os volumes – o instante era denso e comovente. Os participantes eram poucos, mas suas reações e os seus comentários foram muito exemplares. Se exprimindo em outro local pareceu-me que a consciência de sua própria voz deu-lhes a possibilidade de ubiquidade e de um espaço reconquistado».



Saudar juntos o condomínio por meio de um grande grito...



«Após a expressão de sofrimento, o som acalma e a vida continua. Reencantamento da vida cotidiana. A última escuta ao ar livre foi um grande e belo sucesso. Uma mulher reencontrou o sonho de morar em Mauá que ela havia perdido... «.

Uma experiência compartilhada: um possível reencantamento da vida ?

Barão de Mauá « prisioneiro »

... No meu retorno do Brasil, eu imaginei o Condomínio *como uma armadilha que tinha aprisionado os habitantes*. Eu vi uma armadilha porque ele representava um sonho para muitos que os havia levado a vir se instalar voluntariamente e de onde, para alguns, não era mais possível sair por apego ao lugar ou por falta de dinheiro ...

«Uns foram embora por causa de problema de doença. Outros porque as esposas perderam filho, ficaram com medo de engravidar de novo e ficar aqui. Entendeu?»

Porque elas tiveram uma gravidez, mas o filho nasceu sem cérebro. Que é aquele problema de massa encefálica, que fala. E outros tiveram abortos. Então não quiseram continuar aqui. Alugaram para ir para outro lugar. E outros estão vazios. Vazios assim, fica parado. Eles vêm, dão uma olhada, dão uma limpada e voltam de novo. Mas a maioria assim... 10% vendeu. Vendeu.

(...)

Eu queria sair daqui. Eu não quero arriscar a minha vida.

Porque o problema aqui é que nem...

eu estou aqui há... de 1995 a 2015. Dá 20 anos. 20 anos. Quando o doutor Tavares lá da USP falou que a gente ia começar a ter problemas, já. Então a gente já está começando a ter os problemas aqui. Agora, eu não quero que os meus filhos tenham. Eu não quero que os seus filhos, pequenininhos, tenham. Você entendeu? Então as pessoas estão engravidando, tendo os bebês, e eles estão crescendo aqui dentro. O certo não é acontecer isso. »



Qual o futuro do condomínio?

Colocamos uma questão:
o que devemos fazer agora ?

E se fosse para realmente começar a ouvir todos
... respeitando o que cada um tem a dizer ...
... reconhecendo a diversidade de pontos de vista ...
... reconhecendo a complexidade do problema ...

E se fosse para tornar possível uma dinâmica de projetos
... projetos de vida para os habitantes ...
... projetos coletivos para o bairro ...

E se fosse para elaborar juntos diferentes cenários
... levando em conta as situações de cada um...
... que devolvam a esperança para os moradores do condomínio ...
... que abrem diversas possibilidades e propostas ...



École Nationale Supérieure d'Architecture de Grenoble
60 Avenue de Constantine
CS 12636 - F 38036 Grenoble Cedex 2



Av. Professor Frederico Hermann Júnior, 345
Alto de Pinheiros, São Paulo - SP, 05459-010



Département Territoires
Institut de Géographie Alpine
14 bis, avenue Marie Reynoard
38100 Grenoble – France

Dezembro 2015

